

ente

Oriente

Ocidente

Ori

# BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Damião de Góis e os Humanistas Portugueses

Abstract:

Damião de Góis and the Portuguese Humanists

This paper was read at the *Symposium* held in Coimbra in October 2002, to commemorate the 500th anniversary of the birth of the Portuguese humanist Damião de Góis (1502 - 1574).

Besides Góis other humanists, both Portuguese and foreign, are taken into consideration.

No começo do Humanismo Renascentista em qualquer país europeu, um elemento fundamental é o contacto com a Itália, ou através da presença de humanistas italianos, ou da ida de estudantes do país em questão a Itália.

No último quartel do século XV é significativa a presença de portugueses em universidades italianas: Bolonha, Florença, Perugia e outras receberam estudantes portugueses. Armando Verde apurou que só na Universidade de Florença, entre 1473 e 1503, houve 54 estudantes portugueses<sup>1</sup>.

Por outro lado em Portugal, assinala-se a presença de humanistas italianos na corte desde a regência do Infante D. Pedro.

O *De Bello Septensi* de Mateus de Pisano, sobre a conquista de Ceuta, é já escrito em latim humanístico de forte coloração salustiana. O livro, que só foi impresso no século XVIII, tinha sido concluído em 1460.

De Frei Justo Baldino que viveu em Portugal nos reinados de D. Afonso V e D. João II, e a quem fora incumbida a versão latina das crónicas dos reis portugueses, nada chegou até nós. Faleceu de peste em Almada em 1493, e com ele pereceu toda a sua obra literária. Curiosamente, Cataldo Parisio, em Portugal desde 1485, tanto quanto até hoje pude apurar, não o menciona sequer.

<sup>1</sup>A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal IV* (Lisboa, INCM 2000) 70.

Em 1500, a 21 de Fevereiro, é concluído nas oficinas do impressor alemão Valentim Fernandes, em Lisboa, o livro *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi* de Cataldo Parisio Siculo.

Em 1502, provavelmente, embora o livro não tenha cólofon, sai em Lisboa outra obra de Cataldo, os *Poemata* de que faz parte a colectânea intitulada *Aquila*, palavra que, por estranha confusão feita talvez em 1569 pelo humanista António de Castro, veio a ser introduzida no nome do italiano que passou a ser conhecido por Cataldo Áquila Sículo. Mas Cataldo nunca se chamou Áquila.

Nesse mesmo ano de 1502, nasceu em Alenquer Damião de Góis.

Em 1504, quando Góis teria dois anos de idade, o 2.º conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, pronunciou, a 18 de Outubro, dia de São Lucas, a *Oratio habita a Petro Menes io, comite Alcotini coram Emanuele, serenissimo rege, in scholis Vlyborae*, de que já me ocupei em diferentes ocasiões<sup>2</sup>.

Não se estranhe que tenha sido escolhido para essa cerimónia universitária um aristocrata que não era professor universitário, mas a verdade é que das três orações de sapiência desta época na Universidade de Lisboa, a saber, a de D. Pedro de Meneses em 1504, a de André de Resende em 1534, e a de 1536 de Jerónimo Cardoso, nenhuma delas foi proferida por um professor da escola lisboeta. Outras terá havido, mas só estas três chegaram até nós.

No caso do conde de Alcoutim, o orador tinha 17 anos e fora escolhido pelo próprio rei D. Manuel que Elisabeth Feist Hirsch no seu livro sobre Damião de Góis afirma ter mostrado pouco interesse pela cultura. É falso.

Damião de Góis tinha então dois anos de idade e entrará aos nove anos para uma corte que não era avessa às letras nem às novidades do Humanismo Renascentista.

A escolha do jovem aristocrata D. Pedro de Meneses é a imitação duma prática corrente nas cortes da Itália Renascentista.

A oração chegou até nós, graças ao cuidado de Cataldo que a fez imprimir no volume 2.º das suas *Epistolae*. Aliás, a correspondência e versos de Cataldo provam a sua colaboração com o jovem pupilo na elaboração do discurso. Também sobre a sua importância em documentar o ambiente de epopeia que em 1504 se vivia em Portugal já falei em outras ocasiões.

<sup>2</sup> Por exemplo, em *Estudos sobre a Época do Renascimento* (Lisboa, FCG/JNICT<sup>2</sup> 1997) 78 ss.

Em 1511, quando o pequeno Damião de Góis, com nove anos, entra ao serviço da corte, envia Cataldo ao conde de Alcoutim o poema *Verus Salomon Martinus* em que é exaltada a figura de D. Martinho Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, militar, administrador e diplomata. Aí é especialmente celebrado um dos genros de D. Martinho, o conhecido fidalgo João Rodrigues de Sá de Meneses, homem de acção, herói de África, diplomata, poeta do *Cancioneiro Geral* e excelente latinista, autor dessa pequena maravilha que é o ensaio *De Platano*.

Damião de Góis viveu na corte os doze anos seguintes até 1523. E alguns acontecimentos culturais importa reter, ligados quer à corte quer à universidade de Lisboa.

De 1513, é o segundo volume das *Epistolae* de Cataldo, manancial de informações sobre a vida das classes dirigentes, cuja leitura deve ser completada com a de um novo volume de versos latinos, em que se incluem o *Verus Salomon Martinus* atrás mencionado, e os cinco livros das *Visiones*. Livros chama-lhes Cataldo, mas em linguagem dos nossos dias seria mais claro dizer “cantos”.

De 1516, é o *Cancioneiro Geral* onde os traços da presença da renascida cultura clássica são conhecidos e não precisam de ser recordados. Desse mesmo ano é a *Virginis Mariae Ars Grammatica* de Estêvão Cavaleiro, cujo “Prólogo”<sup>3</sup> faz uma apreciação crítica pessimista da situação das Humanidades na Universidade de Lisboa, terminada, todavia, num tom de esperança. Estêvão Cavaleiro reconhece que a situação tende a melhorar, graças à presença de latinistas como Luís Teixeira, Cataldo, João Vaz e, embora o não diga, ele próprio, Estêvão Cavaleiro. Mas a verdade é que nem Luís Teixeira que tivera em Itália uma brilhante carreira como jurista nem Cataldo eram professores da Universidade de Lisboa. Luís Teixeira, antigo aluno de Ângelo Policiano em Florença, será escolhido pelo rei D. Manuel para preceptor de seu filho e herdeiro, a fim de “1er ao Príncipe” que alguém interpretou como “ensinar a 1er” D. João, mas significa transmitir-lhe cultura superior.

Voltando, porém, a 1516. Nesse ano, tinha Damião de Góis 14 anos, então uma idade de maiores responsabilidades do que hoje. O ideal do “puer senex” era corrente ao tempo. Como a duração da vida era menor do que hoje, havia a preocupação de que o adolescente assumisse responsabilidades de homem, o mais cedo possível. D. Sebastião, por exemplo, começou a reinar aos 14 anos, para infelicidade do País.

<sup>3</sup> Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa, INCM, 2ª ed. aumentada 1983) 125 ss.

Que faria Damião de Góis, aos 14 anos como pajem da corte? Mais tarde, em 1567, na parte IV e última da *Crónica d'El Rei D. Manuel* dirá o cronista que o soberano era muito afeiçoado a letras e letrados e que mandava os jovens da corte aprender Latim no bairro dos estudantes com Mestre Freixinal a quem por esse serviço fazia pagar todos os anos 40.000 reais além do ordenado que ele tinha pelo seu ofício. Esta recompensa de 40.000 reais era quanto tinha de soldo um juiz de fora de Torres Vedras, muitos anos mais tarde.

A questão do latim de Damião de Góis tem sido objecto de especulação, por culpa do próprio cronista. Porque declarou ele, quando na prisão do Santo Ofício, que tivera dúvidas sobre questões de fé na juventude, as quais se desvaneceram, quando mais tarde aprendeu latim?

Ainda que o seu aprendizado de latim fosse tardio, coisa em que não acredito, o conhecimento do latim era uma espada de dois gumes, pois tanto servia para ler os teólogos católicos como os protestantes, uma vez que uns e outros usaram o latim como língua da controvérsia religiosa. Mas Góis declara que o latim contribuiu para o reconduzir à ortodoxia. Não quereria isto dizer que o convívio com Erasmo lhe fora benéfico, ao contrário daquilo que os inquisidores pretendiam insinuar, a fim de o reduzirem à condição de suspeito na fé?

432 Quanto à declaração de aprendizado tardio do latim, não deve ser verdadeira. Mas serviu a eruditos pouco conhecedores do panorama cultural português, para afirmar o atraso de Portugal no estudo das Humanidades renascentistas e, ao mesmo tempo, pôr reservas à qualidade do latim de Damião de Góis. Amadeu Torres<sup>4</sup> contrariou justamente essa tendência.

Pela minha parte, tive ocasião de, em tempos, ler as duas edições, publicadas em vida do humanista português, do seu opúsculo histórico *Commentarii Rerum Gestarum in India citra Gangem a Lusitaniis anno 1538* e pude verificar um real progresso estilístico da primeira para a segunda edição<sup>5</sup>. Quanto ao latim de Góis, parece-me morfológica e sintacticamente correcto, fluente, com laivos de ritmo erasmiano.

A roda de 1533, funcionava na Corte, em Lisboa e em Évora, uma espécie de círculo epistolar, cujos membros se carteavam em latim. Era constituído, entre outros, pelos irmãos Rodrigo e Pedro Sanches, Joana Vaz, António Pinheiro, João Rodrigues de Sá de Meneses e alguns

<sup>4</sup> Amadeu Torres, *Résumé e Crise na Epistolografia Latina Goisiana* (Paris, Centro Cultural Gulbenkian 1982) vol. 1, 383.

<sup>5</sup> Lovaina, 1539 e 1544.

correspondentes que estavam fora de Lisboa como Baltasar de Teive e Bartolomeu Filipe<sup>6</sup>.

A leitura desta correspondência que se encontra no Ms. F.G.6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa revela admiração pelos humanistas italianos, sobretudo por Ângelo Policiano, pouco respeito por Guillaume Budé e silêncio em torno do nome de Erasmo. Isto, apesar de alguns correspondentes citarem adágios que se lêem nos *Adagia* do roterdamês.

Por essa altura, já Damião de Góis se encontrava no estrangeiro, pois partira para a Flandres, em 1523.

Aí conviveu com humanistas, aperfeiçoou o seu latim e conheceu Erasmo.

Até 1533 viveu na Flandres. Nesse ano, regressou temporariamente à pátria, chamado por D. João III que lhe ofereceu o importante cargo de feitor da Casa da Índia que Góis não aceitou. Voltou a Antuérpia e ao meio cultural e económico da corte de Carlos V. No seu convívio com humanistas aperfeiçoou o latim e começou a escrever na língua internacional da época.

Regressado à Flandres, foi de meados de Março a meados de Agosto de 1534 hóspede de Erasmo em Friburgo na Brisgóvia.

Erasmo era a grande figura intelectual da Europa e receber uma carta sua era honra que os próprios soberanos não desdenhavam. Encontrar o grande humanista nem sempre era fácil. André de Resende que também estivera na Flandres não conseguiu ver Erasmo, mas enviou-lhe o poema que veio a ser conhecido por *Encomium Erasmi*.

Erasmo ficou tão satisfeito que fez imprimir o poema, mesmo sem autorização do humanista português.

No *Encomium*, André de Resende cita, entre os admiradores de Erasmo, o rei D. João III, o cardeal D. Afonso, seu irmão, e intelectuais portugueses como D. Miguel da Silva, João de Melo e Aires Barbosa.

E nesse poema que aparece pela primeira vez a palavra *Lusitanae* para designar os portugueses.

Resende e Damião de Góis ficarão amigos. Resende dedicará a Damião de Góis o seu poema *De Vita Aulica* em que são verberados a ociosidade e o materialismo dos cortesãos, e quando Erasmo morre em 1536, manda-lhe um poema de condolências.

<sup>6</sup> Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento* (Lisboa, FCG/JNICT 2 1997) 346 ss.

A morte de Erasmo desencadeou uma explosão de invejas e más-vontades, por toda a parte, incluindo no meio cultural português. Aires Barbosa que em 1531 era contado por André de Resende entre os admiradores do humanista holandês, publica em 1536, no ano mesmo da morte de Erasmo, o seu poema *Antimoria* contra o *Encomium Moriae* ou *Elogio da Loucura* do humanista de Roterdão. Como já escrevi, mais de uma vez, o poema é chato, em sentido etimológico, e banal. O próprio Aires Barbosa reconhece na carta que o precede, o facto incontornável de que para emular Erasmo é preciso ser Erasmo. Nessa carta informa também que o *Elogio da Loucura* andava em todas as mãos, coisa que nunca acontecerá à *Antimoria*, podíamos nós acrescentar. No próprio opúsculo se declara que um dos que incitaram Barbosa a atacar Erasmo foi Jorge Coelho, razoável prosador mas fraco poeta latino. Tentara no passado corresponder-se com o roterdamês que nunca retribuía as suas homenagens.

O despeito era tanto maior quanto é certo que Coelho sabia do apreço de Erasmo por André de Resende, de quem Coelho era invejoso. Os dois, Resende e Coelho, deviam detestar-se cordialmente. E não nos iludamos com as amabilidades de Resende na nota 48 do canto II do poema *Vincentius, leuita et martyr* sobre a origem da palavra *Lusíadas*. Resende lembra o uso frequente que Jorge Coelho faz da palavra, sobretudo para recordar ao leitor que o recente e prestigioso vocábulo é da sua própria autoria.

Com a morte de Erasmo em 1536, e a atitude condenatória a respeito do humanista, que prevalecia no Santo Ofício, muitos que antes se prezavam de ler e admirar o polígrafo de Roterdão, apressavam-se agora a dar as velas aos novos ventos, fugindo de qualquer contacto com os escritos daquele que antes louvavam e prezavam. Não é só Aires Barbosa que ataca Erasmo, é Pedro Sanches que felicita Aires Barbosa por esse ataque; o médico António Luís que critica desajeitadamente as traduções de Galeno, feitas por Erasmo, tentando mostrar que ele não sabia grego<sup>7</sup>; é o próprio André de Resende que se retrai cautelosamente na *Conuersio Miranda D. Aegidii Scallabitani*. A admiração por Erasmo, que antes era fonte de prestígio, torna-se agora desprestigiante e suspeita aos olhos da Inquisição.

Os invejosos de Damião de Góis, viajante cosmopolita e conivente da alta roda intelectual europeia, sentiam-se aliviados.

Entretanto, Damião de Góis deixara a feitoria de Flandres e dirigia-se a Pádua em 1534 com uma carta de recomendação de Erasmo

<sup>7</sup> Cf. A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal* (Lisboa, INCM, III 1998) 81 ss.

para Pedro Bembo, grande humanista italiano que, em breve, seria cardeal. Aí estudou de 1534 a 1538 e aí soube da morte de Erasmo, ocorrida em 11 de Julho de 1536.

Regressado Damião de Góis à Flandres, em 1543 tomou parte na defesa de Lovaina, cercada por um exército francês. Durante as negociações de paz, foi feito prisioneiro pelos franceses e só conseguiu a liberdade com o pagamento de um resgate, e por intervenção do imperador Carlos V e do rei D. João III. Carlos V recompensou-o com um brasão nobiliárquico, depois reconhecido pelo rei de Portugal.

Em 1545, o soberano português chama-o para lhe confiar a educação do príncipe herdeiro D. João. Não se tratava de ensinar a ler o príncipe - havia para isso mestres apropriados - mas “ler ao príncipe” significava ser lente de matérias várias, correspondentes a uma formação geral que convinha à sua condição de futuro governante. Era um encargo arriscado, porque a Igreja, ou melhor, os eclesiásticos consideravam essas funções inerentes à sua profissão e não viam com bons olhos que tal encargo, sobretudo tratando-se do herdeiro do trono, fosse confiado a um leigo, principalmente a alguém que era tido na conta de estrangeiro.

Cataldo Siculo, quando foi chamado por D. João II para ensinar seu filho bastardo D. Jorge, teve que arrostar com a cólera dos frades que viram nele um intruso portador de inovações que lhes não agradavam. Cataldo na carta a D. Fernando de Meneses, 2.<sup>o</sup> marquês de Vila Real, datável de 1499/1500, ataca abertamente os *theologiculi* que se consideram os propugnadores da ortodoxia, procurando assim manter o prestígio do seu mau latim, e tentam desacreditar os verdadeiros latinistas, acusando-os de ensinarem o latim dos pagãos. Cataldo era *doctor in utroque iure* mestre de Humanidades.

D. Manuel seguiu o exemplo do seu antecessor e procurou dar ao futuro D. João III uma educação moderna, escolhendo para “ler ao príncipe” Luís Teixeira que em Itália se dedicou aos dois Direitos e era leigo como Cataldo.

Ao regressar a Portugal para assumir tal encargo, Damião de Góis corria sérios riscos. Apesar da sua cultura geral e formação no estrangeiro, não tinha graus universitários e era leigo.

D. João III chamou-o em 1545 e não pudera recusar, não só pela honra do convite, mas pela obrigação moral em que estava ao soberano, pela intervenção recente na sua libertação.

Aí vem Damião de Góis com toda a sua família, uns por terra e outros por mar, decerto com alguns móveis e bagagem, à custa de trabalhos e grandes despesas. Para quê, afinal? Para ficar três anos na sua casa de Alenquer, até que em 1548 o rei lhe desse não o lugar para que o cha-



mará, inas o de guarda-mor da Torre do Tombo, arquivo estatal então instalado no palácio da Alcáçova, no castelo de São Jorge, o “palácio nas muralhas” como lhe chama Cataldo num poema em honra de Miguel Corte-Real.

Que sucedera entretanto? Sabe-se que o P.<sup>e</sup> Simão Rodrigues, com quem Damião de Góis tivera conversas sobre Teologia e doutrina religiosa, em Pádua, estava interessado no lugar. Com efeito, obteve do Geral da Companhia de Jesus, P.<sup>e</sup> Inácio de Loiola, licença para poder ensinar o príncipe herdeiro, nesse mesmo ano de 1545. Certamente informado de que o escolhido por el-Rei para essas funções era Damião de Góis, tratou de denunciá-lo à Inquisição, como suspeito na fé.

A Inquisição onde pontificava o irmão do rei, cardeal-infante D. Henrique, não prendeu Góis, decerto por intervenção do próprio D. João III que não queria naturalmente que se dissesse que chamara Góis, e o fizera vir da Flandres com a família, sob um falso pretexto, para o meter nos calabouços do palácio dos Estaos, sede da Inquisição.

Por outro lado, o preceptor nomeado não foi o jesuíta Simão Rodrigues, mas o Padre António Pinheiro que desde 1540 era mestre dos moços da Corte.

Porque foi Simão Rodrigues preterido? Talvez por decisão da própria Companhia que não quis comprometer-se, sendo colocado em lugar tão à vista do público um membro seu que alcançara o posto, através de uma denúncia secreta. E António Pinheiro mostra-se grato à ajuda que recebeu, pois encontramo-lo anos mais tarde, a defender a entrega do Colégio das Artes à Companhia de Jesus, como de facto aconteceu em 1555.

Damião de Góis menciona-o na *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte IV, cap. 37 como o penúltimo da série dos que, tendo sido encarregados de escrever essa mesma crónica, nunca se desempenharam do encargo, a saber, Rui de Pina, Fernão de Pina, António Pinheiro e João de Barros.

Do ponto de vista das qualificações académicas, António Pinheiro era uma boa escolha e possuía mais títulos que Damião de Góis: era doutor em Teologia pela Universidade de Paris, fora professor de Santa Bárbara, tinha publicado um livro em latim sobre matéria então na moda nos estudos universitários de Artes, a Retórica, a *Instituto Oratoria* de Marco Fábio Quintiliano<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> *In tertium M. Fabii Quintiliani librum luculentissimi comentaria recens editi, Antonio Pino Portodenseo auctore* (Paris 1538).

Damião de Góis e os Humanistas Portugueses

Além de prosador latino, também foi poeta em latim. Com efeito, Pedro Sanches incluiu-o entre os sessenta poetas novilatinos portugueses, referidos na sua *Epistola ad Ignatium de Moraes* que se encontra no Ms.F.G. 6368 da B.N.L. e foi impressa no vol. I (1745) do *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt* dos oratorianos António dos Reis e Manuel Monteiro.

Os dois versos dedicados a António Pinheiro por Pedro Sanches têm o interesse de nos dar uma imagem física do sujeito:

"Nomina tantum edam: magnus Pinarius ille,  
Viuida cui paruo uirtus in corpore regnat:"

"Direi apenas o seu nome, aquele grande Pinheiro, em cujo pequeno corpo reina uma enérgica vitalidade."

Note-se que *uirtus* é uma palavra de sentido favorável, mas ambíguo, que vai de "vitalidade" a "virtude".

São dois versos apenas. Todayia dão-nos o homem, pequeno de corpo, mas de uma inesgotável energia que lhe permitiu estar sempre em bicos de pés na vida da Corte, aceitando todos os cargos que lhe ofereciam, para só desempenhar os que mais lhe convinham. Assim, nada fez como "cronista-mór do reino", mas teve, além dos três cargos já mencionados, o de bispo de Miranda do Douro (1564), bispo de Leiria (1579), capelão do Rei, visitador e reformador da Universidade de Coimbra, e outros mais. Os dois hexâmetros de Pedro Sanches, juiz da Corte, despacham o bispo cortesão, sem se pronunciarem sobre os seus méritos de poeta.

Quatro anos antes de Alcácer-Quibir, em fins de Fevereiro de 1574, o poeta André Falcão de Resende, em alguns versos melancólicos sobre o estado do País, inclui a figura ruidosa do bispo António Pinheiro:

"Não sei novas da Corte que inquietam,  
Nem se é casado El-Rei, ou se aparelha  
Armada contra Mouros ou Africanos,  
Se está em Almeirim, se vai, se torna,  
Se vem embaixador de estranho Reino,  
Quem governa, quem manda, ou que se fala  
Da privança do bispo de Miranda,  
Do seu pregar na Corte soltamente"

Combinando as informações dos dois hexâmetros de Pedro Sanches com as destes versos portugueses de Falcão de Resende, fica-nos

a imagem do homem de pequena estatura, frenético, a procurar atrair sobre si as atenções da Corte.

Damião de Góis refere-se a ele, sem os habituais louvores, correntes entre os humanistas, num tom a que não será exagero chamar de sóbrio e seco: "(...) El-Rei D. João mandou entregar este começo das lembranças da *Crónica* de el-Rei seu pai a António Pinheiro que agora é bispo de Miranda para que lha fizesse de novo, do que ele se escusou ou por ser mais inclinado a outros estudos, ou por ter o trabalho por grande, o que vendo o mesmo senhor Rei D. João a deu a João de Barros, feitor da Casa da Índia (...)”<sup>9</sup>.

Escrever assim, sem enfeites retóricos, sobre um ambicioso como o bispo, que era prelado de Miranda do Douro, mas vivia na Corte, bem longe da sua diocese em Trás-os-Montes<sup>10</sup>, era criar um inimigo que não perdoaria ao cronista de D. Manuel ter concluído a obra que ele rejeitou, em troca de ocupações menos trabalhosas, menos perigosas e de maior pompa aos olhos do mundo. Se não é possível falar do cronista António Pinheiro, porque o bispo não deixou crónicas, podemos citar um outro humanista contemporâneo de ambos que escreveu uma crónica do reinado de D. Manuel, a qual, composta em latim, alcançou reputação europeia. Refiro-me a Jerónimo Osório, bispo de Silves, cujo livro costuma ser abreviadamente (o título é muito mais longo) designado por *De rebus Emmanuelis gestis*. Escrevendo depois de Góis, e utilizando a sua *Crónica* com a necessária prudência, pôde escapar à contestação de que foi vítima o seu antecessor. Seria interessante que a presente fase de interesse por Damião de Góis nos deixasse uma comparação exaustiva entre as duas crónicas, a portuguesa e a latina, feita por alguém que pudesse entender a obra de Osório no original e não se limitasse a conhecê-la apenas pela tradução de Filinto Elisio.

Sobre a vitória naval de Diu em que D. Francisco de Almeida destruiu por completo uma grande esquadra do Grão-Turco, muito superior em número de navios e artilharia à armada portuguesa, há uma curiosa diferença de atitude entre Góis e Osório: a esquadra inimiga, além dos navios dos potentados indianos, compreendia a grande armada turca,

<sup>9</sup> Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Parte IV, cap. 37 *sub fine*

<sup>10</sup> Arnaldo Pinto Cardoso, "D. António Pinheiro - um notável bispo do séc. XVI", *Humanística e Teologia* 18 (1997), procura explicar as relações intermitentes do bispo Pinheiro com a sua diocese de Miranda do Douro, p. 125 - 139. Um aspecto louvável na conduta do bispo Pinheiro foi o de ter tido a coragem de desaconselhar publicamente a expedição de 1578 a África.

onde havia não só turcos mas mercenários de toda a Europa sobretudo venezianos. No rescaldo da batalha, nos navios aprisionados pelos portugueses, foram encontrados livros em latim e meia-dúzia de línguas europeias, entre eles alguns em português<sup>1</sup> |

D. Jerónimo Osório, mais prudente e decerto atendendo a que a sua crónica era escrita em latim, não só para Portugal, mas sobretudo para o resto da Europa, fala de *sermone Latino, Etrusco, Dalmatico, Gallico, Hispano conscripti libri*<sup>12</sup>.

É claro que sob a designação de *Hispani*, numa altura em que na linguagem dos humanistas os portugueses eram *Lusitani*, o leitor entenderia de preferência os castelhanos, assim disfarçando a desagradável informação de que na armada inimiga havia também portugueses. D. Jerónimo Osório não só é mais cauteloso do que Damião de Góis, mas também aproveita a ocasião para criticar Paulo Jóvio, em cujas histórias os feitos portugueses na Índia são intencionalmente ocultados.

Com efeito, o bispo e historiador italiano conta como o Sultão do Egipto arma uma poderosa esquadra internacional para expulsar os portugueses da Índia mas não menciona o seu afundamento, destruição e captura por D. Francisco de Almeida, em frente a Diu, em 2 de Fevereiro de 1509.

D. Jerónimo Osório explica a má vontade de Paulo Jóvio, comunicando aos seus leitores que o humanista italiano ofereceu a sua pena para contar as glórias dos portugueses a troco de dinheiro, mas que o soberano português não aceitou “nem o convidou com presentes da Índia”.

Quanto às línguas referidas no latim de Osório, duas poderão causar dificuldade ao leitor hodierno: *Etruscus* “é o toscano ou, moderadamente, italiano”; e *Dalmaticus* é aquela língua a que Góis chama “esclavón ou eslavo”.

Outro episódio diferente nos pormenores em Góis e Osório é o afundamento nocturno da “Frol de la Mar”, a nau de Albuquerque, em 1512, carregada dos despojos da conquista de Malaca, num recife de coral. Foi um naufrágio que alcançou notoriedade e é contado nos *Essais* de Montaigne<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Góis, *Crónica de D. Manuel*, parte II, cap. 39.

<sup>12</sup> Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa, INCM, 2.ª edição aumentada 1983) 380 - 381.

<sup>13</sup> Cf. A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, III (Lisboa, INCM 1998) 161 ss.

Estes dois episódios me ocorreram, ao lembrar leituras antigas, mas, como atrás disse, muitos outros podiam ser citados sobre as convergências e desencontros dos dois historiadores portugueses.

Um humanista nosso protestou contra a parcialidade anti-lusitana do bispo Jóvio. Diogo Pires, fugido à Inquisição mas sempre saudoso da Pátria, numa carta escrita de Ferrara em Fevereiro de 1547 censura o italiano por ter omitido os portugueses nos seus *Elogia*. Recordar-lhe o nome de vários humanistas portugueses, dignos de memória, como Henrique Caiado, Luís Teixeira e Diogo Pacheco que outrora tinham passado por Itália; no presente, o poeta André de Resende, o historiador António Pinheiro, natural de Porto de Mós, Jorge Coelho, Jerónimo Cardoso e António Luís.

E a carta de Diogo Pires termina com uma referência, cheia de apreensões sobre o regresso de Damião de Góis a Portugal, de onde, segundo Pires suspeita, ele irá viajar para a Índia, “refúgio dos infelizes”.

Que boatos circulariam entre os judeus portugueses de Ferrara? Não sabemos.

Citei esta carta de Diogo Pires a Paulo Jóvio, pela primeira vez, em *Humanitas*, XIX-XX (1967-1968), numa recensão do livro de Elisabeth Feist Hirsch, atrás mencionado, depois incluída em *Estudos sobre o Século XVI*, 1.<sup>a</sup> edição, Paris, Gulbenkian, 1980; 2.<sup>a</sup> edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983, p.378.

Os humanistas contemporâneos de Damião de Góis, citados na carta de Diogo Pires, todos foram das relações de Góis, talvez com a excepção de António Luís. Este último, nesse mesmo ano de 1548, numa carta a D. João III, revelara-se ferozmente anti-erasmista. Atitude sincera ou apenas disfarce para iludir a Inquisição, de que já fora prisioneiro?

Há anos, tive ocasião de mostrar que Erasmo não era tão ignorante do Grego como António Luís gostaria que os seus leitores acreditassem<sup>14</sup>.

*Pinaris Portodemaesus*, isto é, António Pinheiro de Porto de Mós, embora conhecido, também não seria da intimidade de Góis, pelos motivos atrás expostos.

Quanto a *Coelius* ou *Cuniculus*, como lhe chamou André de Resende num momento de mau humor, isto é, Jorge Coelho, também não era amigo íntimo, como atrás vimos, e como pode inferir-se do final do poema *De Vita Aulica* que é uma espécie de longa confidência em verso de André de Resende para Damião de Góis. Segundo Resende, Jorge

<sup>14</sup> Cf. *Paru a História do Humanismo em Portugal*, III, já atrás citado, 81 ss.

### Damião de Góis e os Humanistas Portugueses

Coelho é o único poeta que se sente bem na Corte: “Pois que fique lá sozinho, para não ter rivais!” - escreve Resende.

Resta-nos Jerónimo Cardoso, afadigado mestre particular de Latim, orador de sapiência da Universidade de Lisboa, em Outubro de 1536, poeta e epistológrafo, pobre mas de todos respeitado.

E finalmente, os três últimos, a saber, Diogo Pires, o autor da carta, André de Resende e Damião de Góis, apresentado mais como mecenas do que como autor, sinal de que Didacus Pyrrhus não conhecia ainda os seus últimos trabalhos.

Pyrrhus ou Pires foi um dos maiores poetas novilatinos da Europa, na segunda metade do século XVI. Faleceu em Ragusa, hoje Dubrovnik sobre o Adriático, na Croácia, em 1599. Celebrara em verso Erasmo na juventude<sup>15</sup>.

André de Resende, igualmente admirador de Erasmo, diluiu um pouco o seu entusiasmo pelo mestre, depois de 1536. Mas teve o cuidado de não publicar a sua biografia de São Frei Gil de Santarém, tingida, apesar de tudo, de erasmismo evidente. Só Góis ficou igual a si mesmo até ao fim. Tal manifestação de carácter no Portugal hipócrita do tempo do cardeal D. Henrique valoriza a obra que nos deixou e justifica as homenagens que lhe prestamos.

(Comunicação lida em 25 de Outubro de 2002, num congresso dedicado a Damião de Góis, realizado em Coimbra.)

441

<sup>15</sup> Sobre Diogo Pires, ver o artigo na *Enciclopédia Verbo: Século XXI*, 22, 1184 - 1185.